

Autoconceito em idosos homossexuais: um estudo exploratório

*Self in senior homosexuals:
a exploratory study*

Kelly Cristina Santiago Abreu Pereira
Priscilla Rodrigues Santos Chaves
Fernanda Ludy da Silva Santos
Eduardo Fabrício Santos de Sá
Alessandra da Rocha Arrais

RESUMO: Dentro da temática da sexualidade, destaca-se, neste estudo, que a homossexualidade na velhice, apesar de ser tema relevante nos dias atuais, ainda é, porém, pouco explorado na literatura científica; e que não se pode estudar a velhice e a homossexualidade, separando o indivíduo da sociedade em que vive ou da família em que está inserido; dessa forma, deve-se conhecer o individual e o coletivo separadamente, para que se possa realmente compreender esse aspecto na vida de uma pessoa e contribuir para um envelhecimento bem-sucedido.

Palavras-chave: Homossexualidade; Idosos; Sociedade.

ABSTRACT: *Within the theme of sexuality, homosexuality include old age, to be relevant in today theme, but still little explored in the literature, so we can not study the age and homosexuality separating the individual from society living or family is inserted, we must know the individual and the collective separately for so we can really understand and contribute to successful aging.*

Keywords: *Homosexuality; Elderly; Society.*

Introdução

A sexualidade no envelhecimento constitui um assunto contaminado por preconceitos sociais, culturais, familiares e até mesmo pessoais. Os estudos de Rabelo e Lima (2011, p. 164), mostram que:

Com uma visão limitada, tanto em relação à sexualidade quanto à velhice, as sociedades, muitas vezes, classificam este período da vida como uma época de assexualidade e de renúncias, baseando-se em referências adquiridas ao longo da vida.

Dessa forma, as crenças equivocadas acerca da sexualidade dos idosos reforçam os argumentos de que, com o envelhecimento, a atividade sexual perde seu objetivo de procriação e relação íntima entre dois seres e, conseqüentemente, sua justificativa social (Maravilha, 2010).

Fabà, e Villar (2011, p. 26) ratificam que: “Una de estas creencias erróneas hace referencia a la pérdida del interés por el sexo entre las personas mayores (Weeks, 2002), lo que podría explicar en parte la relativamente escasa cantidad de investigación sobre este tema”.¹

Diante desse cenário, as problemáticas ligadas à questão da sexualidade merecem atenção especial diante do envelhecimento da população e dos diferentes aspectos que podem ser abordados, especialmente quando se fala em relação sexual entre idosos.

Dentro da temática da sexualidade, a homossexualidade na velhice vem se tornando tema desafiador aos pesquisadores, dada ser tema de grande relevância nos dias atuais, porém ainda pouco explorado na literatura científica. Se a sexualidade na velhice sempre foi assunto revestido de tabus, a homossexualidade nesta fase é ainda mais excluída das conversas do cotidiano e dos estudos acadêmicos. Esse tema reveste-se de preconceitos e muitas incógnitas, tornando-o um mito intocável, mas que demanda ser explorado diante de todas as vertentes que a homossexualidade ligada ao envelhecimento traz para o entendimento das pessoas.

¹ “Uma das crenças equivocadas faz referência à perda de interesse pelo sexo entre pessoas idosas (Weeks, 2002), o que poderia explicar em parte a relativamente escassa quantidade de investigação sobre esse tema.” (de nossa tradução).

No âmbito social e familiar, lidar com a sexualidade nunca deixou de ser um tanto conflitante, a despeito das afirmações de pesquisadores que mostram que a sexualidade “especialmente na velhice, mostra-se..., nos tempos atuais, uma exigência para uma vida longa e feliz; de fato... um exercício de liberdade, a despeito de complicadores” (Lodovici, & Mercadante, 2011, p. 02). E ainda que a sexualidade na velhice é

vista como uma estratégia indispensável para a diversidade do bom-viver, justamente por se impregnar em todas as relações humanas, independentemente de geração. Não foi de Jacques Ruffié, a afirmação de que “A sexualidade é o motor de toda a socialização”, em “O sexo no coração da vida”? (Lodovici, & Mercadante, 2011, p. 02).

No caso de a homossexualidade tornar-se evidente e exteriorizada, complicam-se ainda mais os problemas, criando-se até mesmo conflitos intergeracionais.

De todo o modo, pode-se indagar sobre o fato de que, sendo a heterossexualidade a norma cultural hegemônica, como discutir sobretudo a posição de idosos com orientação homossexual? Pesquisas sobre a homossexualidade e o envelhecimento no âmbito das experiências cotidianas são ainda incipientes, aspecto que revela o silêncio a respeito da extensão e complexidade que envolve o tema (Motta, 2009).

Sabe-se, porém, que o que se torna preocupante é que - mesmo com as mudanças sociais vindas da globalização, assim como com o rompimento de paradigmas -, a sociedade, a família e o próprio idoso, sentem uma dificuldade enorme sobre a adequada forma de inserir socialmente uma pessoa idosa e homossexual, em uma sociedade que, via de regra, a exclui. Ou seja, a discriminação por parte da família, da sociedade, do próprio idoso, existe e, no caso do idoso homossexual, isso ocorre duplamente: pela velhice e pela homossexualidade.

Diante desse cenário, o objetivo deste estudo foi compreender como é vivenciada a velhice na homossexualidade, tentando identificar, na percepção da pessoa idosa homossexual, quais são as principais dificuldades e interesses enfrentados.

Método

Trata-se de um estudo de caso, trabalho de caráter qualitativo, exploratório. O estudo foi realizado em Brasília (DF), na própria residência, ou no local de trabalho dos participantes, ou em locais públicos. Participaram do estudo três idosos: Carlinhos (65 anos), Chaves (60 anos), Vitor (60 anos), (nomes fictícios), que tinham nível de escolaridade média, eram assumida e declaradamente homossexuais e do gênero masculino.

Os temas abordados na entrevista foram: homossexualidade, velhice e autoconceito de velhice, rede social, morte, trabalho, corpo e religião.

A seleção de idosos, como sujeitos na coleta de dados, foi feita em Instituições de Longa Permanência, Organizações Não Governamentais, também através de indicações de colegas que conheciam homossexuais; a dificuldade, porém, em encontrar homossexuais idosos e que quisessem participar do estudo foi grande. Por fim, três idosos aceitaram participar da pesquisa.

De acordo com o grupo de idosos em evidência neste estudo, foram confeccionados três instrumentos distintos, aplicados de diferentes formas: a primeira fase, de aproximação e sensibilização da pesquisadora e do participante, valeu no sentido de ir “quebrando o gelo” do primeiro contato e permitindo que ambos os interlocutores se conhecessem melhor; nesta fase aplicou-se a entrevista semi-estruturada, a fim de compreender como a pessoa idosa vivencia a sua homossexualidade.

Na segunda fase, foi proposta ao participante a atividade de completar frases com a primeira informação que fosse por ele pensada; no término dessa atividade de completar frases, foi feito um inquérito sobre cada resposta dada pelo idoso. Ainda nesse encontro, no seu final, foi entregue um material para que o participante pudesse, com calma e no local que julgasse apropriado, recortar as imagens relativas ao tema que quisesse, que as colasse no cartaz e as levasse ao próximo encontro. Por fim, a terceira fase em que o participante fez, por meio da identificação e associação de tais figuras sobre o que ele vivencia ou vivenciou como homossexual; nesta fase o participante apresentou um cartaz de sua criação, deu explicações sobre o trabalho realizado, descrevendo o que cada figura escolhida significava para ele.

Os encontros para a coleta de dados duraram aproximadamente três meses; foram todos presenciais, com intervalo entre a aplicação dos instrumentos, em média de uma semana. Todas as entrevistas foram registradas em áudio e transcritas na íntegra.

A pesquisa foi aprovada pelo CEP da Universidade Católica de Brasília, sob o protocolo de número 164/2011, inclusive com aprovação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado pelos três participantes logo no primeiro encontro.

Após a aplicação dos instrumentos, foi feita a transcrição de todas as informações gravadas e, junto ao registro dos relatos dos participantes, foram inseridas as percepções de inquietude, desconforto e as emoções que observamos durante a aplicação dos três instrumentos.

Para analisar estes dados, foi feita uma análise de conteúdo (Bardin, 2011), em que se agruparam por semelhança de conteúdo os vários aspectos contidos nos discursos dos sujeitos, bem como em figuras e interpretações que pretendem retratar como é a vivência da homossexualidade na velhice.

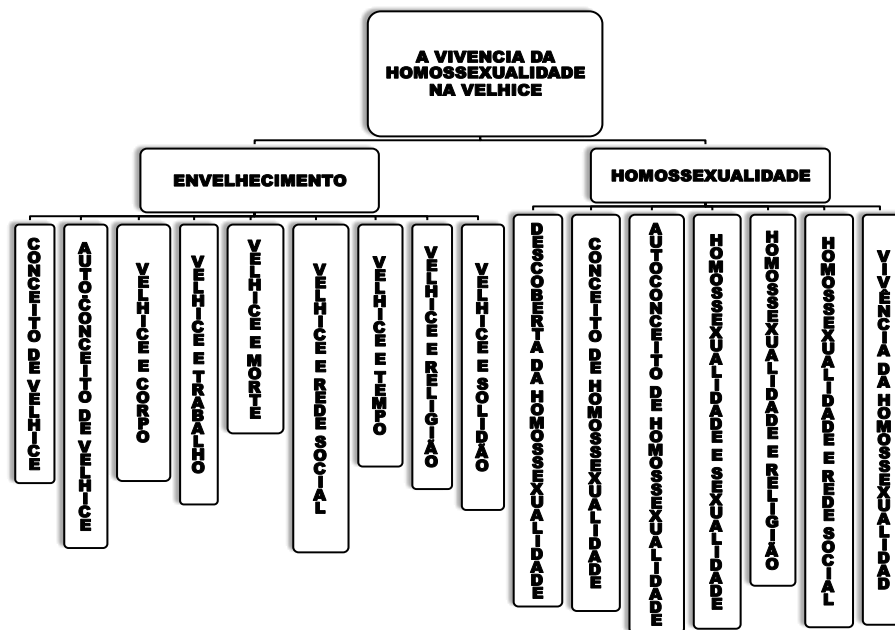
Nesta análise, foram elaborados dois grandes eixos temáticos: o primeiro eixo agrupou elementos relacionados à velhice, como: aspectos biopsicossociais e espirituais que permeiam o processo de envelhecimento.

O segundo apresenta aspectos que envolviam o conceito de homossexualidade, sua descoberta, aceitação, autoaceitação da homossexualidade, bem como a sexualidade, os relacionamentos, as redes sociais, a religião e o modo como viviam os homossexuais idosos.

Para o 1º eixo, foram criadas nove categorias e suas subcategorias; para o 2º eixo, foram criadas sete categorias e subcategorias, baseadas na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

O organograma a seguir ilustra a divisão acima descrita.

Organograma 1 – Eixos-temáticos e categorias de análise de conteúdo



Dentre as categorias estudadas, o presente artigo aborda dois eixos temáticos, e com ênfase apenas nas categorias Autoconceito de velhice e Autoconceito da homossexualidade, pois foram as que se revelaram mais profícuas, para ajudar as pesquisadoras a entenderem como os idosos homossexuais em foco resignificavam sua velhice e sua homossexualidade.

Resultados e Discussão

Categoria 1: Autoconceito de velhice

No estudo sobre o homossexual idoso, buscou-se conhecer a vivência desses participantes dentro dos elementos que acompanham o processo de envelhecimento, com a preocupação com as dificuldades e facilidades que a velhice proporciona às demais gerações, mas não somente focando as questões exclusivas da homossexualidade. Nesta busca se destacou a categoria sobre o autoconceito de velhice, que será discutida e analisada a seguir:

Autoconceito configura-se como o conjunto organizado das percepções sobre si mesmo, admitido pela consciência, produto da interação social.

Freire (2002, p. 930) afirma que, do ponto de vista sociológico e psicológico, o âmago do autoconceito é o *self*, “a consciência que o indivíduo tem de sua contínua identidade e de sua relação com o ambiente, ou do que vê como essencial sobre si mesmo”.

Em uma primeira análise, observou-se que surgiram mais subcategorias positivas do que negativas sobre o autoconceito de velhice e por isso, optou-se por iniciar a discussão pelos aspectos positivos, e posteriormente, seguir com os aspectos negativos.

Os aspectos positivos associados ao autoconceito de velhice e aqui identificados, nos discursos dos sujeitos, relacionam o envelhecimento com uma fase onde se pode aproveitar a vida, colher bons frutos, como uma etapa de ganhos e realizações adquiridas através da maturidade, entre outros.

Das subcategorias mais frequentes, com uma significância de 27%, de acordo com a Tabela 1, o autoconceito de velhice positivo está associado a uma fase de ganhos e realizações:

Categoria: Autoconceito de velhice	Subcategorias	Fragmentos da fala dos idosos	Frequência	
			Absoluta	%
Positivo	Colher bons frutos	<i>“então é muito legal nessa idade estar acontecendo isso com você! mas é uma coisa que eu plantei. (...) eu trabalhei pra tudo isso, que aconteceu na minha vida, só coisas boas.”</i> (Carlinhos, 65 anos, c.f.)	3	10%
	Ganhos realização	<i>“se eu soubesse que só iria acontecer coisas boas na minha vida, porque na minha vida só aconteceram coisas boas, não aconteceu nada, nada, nada que me decepcionasse e que eu fiquei muito triste, e que fiquei arrasado, nada disso!”</i> (Carlinhos, 65 anos, r.c.)	8	27%
	Tempo de aproveitar a vida	<i>“eu tenho que aproveitar os momentos que eu tenho, né?, já tenho 65 anos, então, a minha prioridade realmente no momento é viver intensamente a minha vida.”</i> (Carlinhos, 65 anos, c.f.)	6	20%
	Realização de sonhos adiados	<i>“esse, vou conseguir ser feliz um dia, é morar numa ilha... (risos) (numa ilha?) é eu adoro morar assim, num rio, numa roça, onde eu veja animais, pássaro que canta.”</i> (Chaves, 60 anos, c.f.)	2	7%

Aceitação da própria velhice	<i>“mas eu encaro o envelhecimento como uma coisa normal, porque é uma coisa natural da vida, o envelhecimento faz parte e eu costumo dizer que o tempo é implacável pra todos; a velhice chega pra todos...”</i> (Vitor, 60 anos, e.)	7	23%
Independência financeira	<i>“eu sou uma pessoa totalmente estabilizada.”</i> (Carlinhos, 65 anos, e.)	4	13%

Tabela 1 - Autoconceito positivo da velhice

Para analisar a subcategoria mais marcante, foi preciso primeiramente apresentar uma característica importante dos entrevistados. Seu poder aquisitivo pertence à classe econômica média, classe A e B; são pessoas independentes financeiramente. Como se ilustrou na tabela 1, isso talvez construa um perfil diferente daquele idoso de classe mais desfavorecida. Por exemplo, Carlinhos diz que hoje não lhe falta nada, e relata ter um bom plano de saúde, comer bem, viver bem, talvez isso favoreça um envelhecimento permeado de ganhos e realizações, contribuindo para um autoconceito positivo da velhice.

Analisando a subcategoria menos frequente, a sensação passada foi de que a velhice favorece esses idosos para que possam desfrutar de momentos antes não desfrutados, que as responsabilidades, as atribuições, as atividades, a produtividade, se redesenham, de forma que a velhice pudesse ser vivida, priorizando-se a satisfação própria que, muitas vezes, foi abdicada por precisarem cuidar de suas famílias, do seu trabalho, do outro. Vitor exemplifica o exposto acima, quando diz: “[...] *Falei: Vou retomar novamente meus estudos, voltei, retomei meus estudos, fiz 2 semestres na Unieuro de arquitetura.*” (Vitor, 60 anos, E.). Vitor demonstrou em sua fala que, durante a velhice, pôde realizar sonhos, que foram adiados anteriormente, e que, durante a vivência da velhice puderam se tornar realidade.

Talvez essa forma de perceber a velhice pelos entrevistados auxilie na composição de uma realidade que favoreça a aceitação da velhice como uma condição natural, que vai acontecer mais cedo ou mais tarde para todos; porém, a maneira que vai acontecer depende de cada um. Os discursos de Vitor e Chaves expressam a aceitação da velhice quando dizem: “[...] *Ser idoso é maravilhoso. É porque é consequência da vida, né?...* (Chaves, 60 anos, C.F.); *“Mas eu encaro o envelhecimento como uma coisa normal.”* (Vitor, 60 anos, E.).

Mantendo essa visão de que é possível manter a qualidade de vida e o bem-estar na velhice, deve-se voltar aos conceitos de envelhecimento ativo e bem-sucedido que levantam discussões sobre o envelhecimento saudável, e enfatizam que a velhice e o envelhecimento não são sinônimos de doença e inatividade (Lima, Silva, & Galhardoni, 2008; Neri, 2008).

Das subcategorias apresentadas, a que mais apareceu nos discursos dos idosos entrevistados foi a negação da própria velhice: 50% dos discursos negativos versavam sobre questões como não se reconhecem como velhos, não se sentem velhos, ou até mesmo nunca pensarem nesse assunto, conforme se verifica na tabela 2:

Categoria Autoconceito de velhice	Subcategorias	Fragmentos das falas dos idosos	Frequência	
			Absoluta	%
Negativo	Frustrações	<i>“Vou conseguir ser feliz um dia.”</i> (Chaves, 60 anos, c.f.)	3	17%
	Solidão	<i>“Não quero ficar só.”</i> (Carlinhos, 65 anos, c.f.)	2	11%
	Inatividade	<i>“Esse período meu, de 30 aos 40 anos, foi um período muito difícil, de limitações, eu me senti um velho! porque eu não conseguia andar, eu dependia dos outros pra tudo, eu fiquei numa cama de hospital durante meses e meses depois fiquei dois anos sem andar, então foi assim pra mim uma fase difícil, a minha velhice foi de 30 a 40 anos.”</i> (Vitor, 60 anos, e.)	4	22%
	Negação da própria velhice	<i>“sinceramente, realmente, eu nunca parei para pensar nisso; não tive nenhum momento de pensar que eu tenho 65 anos, nunca, sendo bem sincero com você.”</i> (Carlinhos, 65 anos, e)	9	50%

Tabela 2 - Autoconceito negativo da velhice

A negação da própria velhice é marcante em todos os sujeitos idosos; a expressividade exemplificada pelo discurso de Carlinhos confirma isso: *“[...] Eu me sinto como 20 anos atrás, em que tudo é a mesma coisa pra mim, tudo seguiu muito normal, então assim, eu não sei, eu acho que não deve ser muito bom!”* (Carlinhos, 65 anos, E).

Como consequência, os conceitos e as terminologias associados ao envelhecimento têm a necessidade de serem revistos. Prova-se essa necessidade pelo fato de haver uma diferença muito grande entre os indivíduos de 80 anos e os de 60, tributária a uma rica heterogeneidade, uma vez que os mesmos apresentam uma vivência bastante peculiar, trazendo culturas de épocas distintas, além do que, entre eles, encontram-se pessoas com pleno vigor físico e outras em situações de dependência.

Deve-se insistir, portanto, em um novo conceito sobre a velhice, pois entre os indivíduos de idade igual ou superior a 60 anos e de 80, percebe-se a vivência de situações que seriam atribuídas aos mais jovens, como a celebração de casamentos (cerimônia que até então não se encaixava para essa faixa etária pós-60 anos), o retorno à produtividade e ao mercado de trabalho, aos estudos, dentre outros (Zornitta, 2008).

Categoria 2: autoconceito de homossexualidade

Inicialmente, apresentam-se aqui os aspectos positivos que fizeram a composição das subcategorias, conforme apresentadas na tabela 3:

Categoria: Autoconceito de Homossexualidade	Subcategorias	Fragmentos das falas dos idosos	Frequência	
			Absoluta	%
POSITIVA	Naturalidade	<i>“Eu acho que teria que ser uma coisa natural como eu e o meu companheiro somos.”</i> (Vitor, 60 anos, E.).	10	67%
	Rejeita a promiscuidade	<i>“Então, o mundo homossexual é sujo, vou te falar, ser bem claro é bem sujo, é imundo, o que as pessoas não veem escrúpulo nenhum, eles querem trocar, sabe como que é? Se você for num lugar onde os meninos frequentam, no parque da cidade, tem um lugar que é frequentado por gays, a noite, então são assim, cinco transando junto... sabe, então, eu não aprendi isso, eu não aprendi isso, eu não aprendi isso.”</i> (Chaves, 60 anos, E.).	5	33%

Tabela 3- Categoria Autoconceito Positivo de Homossexualidade

A visão que Vitor tem da sua homossexualidade é como algo natural, assim como as relações heterossexuais, como se pode observar: “*Eu acho que daqui no máximo 50 anos, não vai existir essa história de homo ou hétero, se vai gostar de sexo e pronto! (...) Eu acho que teria que ser uma coisa natural como eu e o meu companheiro somos.*” (Vitor, 60 anos, E.).

A rejeição à promiscuidade é assunto unânime. Os entrevistados idosos reprovam as características promíscuas que o senso comum associa à vivência dos homossexuais, e não se identificam como fazendo parte do mundo homossexual promíscuo.

Os elementos mais significantes para esses idosos foram a anormalidade com 23% e a identidade transgressora com 20%, de acordo com a tabela 4:

Autoconceito de Homossexualidade	Subcategorias	Fragmentos das falas dos idosos	Frequência	
			Absoluta	%
Negativa	Anormalidade	“ <i>Agora, fica mais difícil a gente conversar sobre isso, porque eu não sou a pessoa que, de repente, você achava que iria encontrar...</i> ” (Carlinhos, 65 anos, C.F)	7	23%
	Identidade Transgressora	“ <i>O que pode te assustar, e você achar que ia encontrar uma pessoa que podia falar com você de promiscuidade, só de loucura, isso, eu não tive essa fase. (...) uma pessoa cheia de trauma, uma pessoa cheia de vícios, cheio de coisa, não!</i> ” (Carlinhos, 65 anos, C.F).	6	20%
	Preconceituoso	“ <i>Só tem gente louca, tudo drogado, cada um de um jeito, eu não vou porque não fui criado pra isso!</i> ” (Carlinhos, 65 anos, E.)	4	13%
	Persecutório	“ <i>Porque eu observei que elas estavam falando mal de mim, pela minha parte de eu ser homossexual.</i> ” (Chaves, 60 anos, C.F.)	3	10%
	Sofrimento	“ <i>Chorei muito, entrei em depressão por causa disso.</i> ” (Chaves, 60 anos, E.)	2	7%
	Isolamento	“ <i>Apesar dos convites, tudo, sempre fiz questão de não ir, de não participar da vida das pessoas, sempre fui envolvido com a minha vida!</i> ” (Carlinhos, 65 anos, E.)	2	7%

	Marginalização	<i>“Porque o mundo homossexual é sujo, é droga, é marginalização total; então, foi uma coisa que eu sempre corri, eu sempre tive medo de frequentar, exatamente porque eu não estava preparado para isso.”</i> (Carlinhos, 65 anos, E.)	4	13%
	Karma/ Punição	<i>“está pagando por alguma coisa da vida antepassada de alguém ou da própria vida antepassada, então é isso. Você não escolhe ser isso.”</i> (Chaves, 60 anos, E)	2	7%

Tabela 4 - Categoria Autoconceito Negativo de Homossexualidade

A visão da homossexualidade como uma condição diferenciada, de construção de um estilo de vida, predomina nesta categoria, com 23% das respostas. Os idosos entrevistados sentem-se diferentes de outros homossexuais por não serem promíscuos, viciados em drogas e marginalizados, como muitos ainda acreditam ser um homossexual.

O que parece, é que de certa forma, os idosos, a partir do momento em que se assumiram homossexuais, enfrentando dificuldades para se inserir na sociedade e na família como homossexuais, porém, demonstraram que, após quebrarem essas barreiras, tornaram-se livres com a possibilidade de se individualizarem, quebrando tabus e rótulos, inclusive dentro do próprio conceito que carregam de homossexualidade.

Os idosos aqui estudados não se percebem ou se sentem velhos homossexuais; como consequência, construíram suas biografias individuais. Identificam a homossexualidade na velhice do outro, mas não aceitam como similar a sua. Contudo, ao mesmo tempo, observa-se que alguns aspectos positivos relacionados ao envelhecimento são apresentados quando os idosos fazem referência à vida que levam hoje, como uma conquista após os anos vividos, ou quando relatam os planos de gozar essa fase da vida como uma premiação por todos os anos passados, dedicados ao cumprimento de deveres sociais, profissionais e familiares.

Outro aspecto relevante do estudo é que a orientação sexual dos idosos não é o foco da vida que levam nessa fase da vida. É interessante observar, em seus relatos, que parecem viver como uma família heterossexual, têm seus companheiros, suas casas, saem, passeiam, desfrutam de cada momento que podem.

Contudo, um aspecto comum aos três é que são bem reservados, não gostam de exposição, nem de exibirem trejeitos exagerados. Eles, inclusive, fazem referência à vivência da homossexualidade pelos jovens de hoje como uma maneira agressiva de fazer com que a sociedade enxergue essa questão com mais naturalidade; acreditam que essa postura pode piorar a relação da sociedade com os homossexuais, mas referem que talvez esta seja a única forma de fazer com que a sociedade os enxergue.

Ao se analisarem os idosos, observou-se um crescimento mútuo, e se passou a ter uma compreensão diferenciada sobre a vida do homossexual velho. Isso se mostrou bastante interessante, dado que o senso comum imprime aos homossexuais aspectos de desigualdade, quando comparados aos heterossexuais e, ao se analisar os resultados da pesquisa, ideias se consolidaram como as de que todos vão envelhecer, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, cada um de sua forma, e esse envelhecimento pode ser bem-sucedido ou mau sucedido para qualquer um, resultando em uma velhice feliz ou triste.

Segundo o sociólogo argentino Ernesto Meccia (2012, p. 166), mudanças benéficas aos homossexuais vêm ocorrendo na sociedade:

(...) Por el incesante trabajo de las organizaciones sexo-políticas, por un cambio de la sensibilidad contemporánea, que valora cada paso hacia la diversidad. Concomitantemente a ese trabajo de las organizaciones y a esta sensibilidad social que legitima las relaciones entre personas del mismo sexo, está la política de la visibilidad. Va descongelando eso que antes estaba fijo en el espacio social.²

Não se observaram especificidades outras na velhice, a partir das falas dos idosos homossexuais aqui em foco. Estes idosos, embora enfrentando dilemas similares, apresentam histórias distintas seja na família, ou na sociedade, em torno do que significa passar pela vivência da homossexualidade nos diversos ambientes e por que razões esta ainda é vista e dita como tabu trazendo tanto sofrimento à vida das pessoas, ratificando os resultados de Nascimento (2013, p.159).

² (...) Por meio do incessante trabalho das organizações sexo-políticas. Por uma mudança da sensibilidade contemporânea, que valoriza da passo em favor da diversidade. Concomitantemente a esse trabalho das organizações e a esta sensibilidade social que legitima as relações entre as pessoas do mesmo sexo, está a política da visibilidade. Vai descongelando isso que antes estava fixo em um espaço social. (de tradução nossa).

A esse respeito, Meccia mostra esses sujeitos em um “permanente estado dilemático”, ou seja, eles nunca podem estar seguros de que adotam, por exemplo, o ato de fala perlocutoriamente adequado: ou ocultam o que intimamente são, sofrendo como se fossem covardes diante da impossibilidade de exporem sua condição homossexual, ou de decidir pelo que são de fato, e neste caso, padecerem diante do preconceito e estigmatização que são a eles destinados, tendo que suportar, pois, a afronta pública, com características que lhes são atribuídas, “(...) algunas reales y otras que son invenciones fantásticas de la sociedad”, segundo Caldas (2012, p. 166).

Os idosos aqui entrevistados não deixaram de criticar a condição de promiscuidade, de infidelidade sexual, de utilização de drogas, que parecia acompanhar os homossexuais em geral, imagem que se perpetuou na sociedade.

Os idosos fizeram questão de frisar que não compactuam com essas questões; muito pelo contrário, repugnam-se, no seu modo de ver, diante do mundo sujo e promíscuo que relataram ser, via de regra, o da homossexualidade.

Considerações Finais

Não há uma teoria que determine como se deve envelhecer. Na realidade pode-se observar que se envelhece como se vive ao longo da vida, o que faz refletir sobre o processo de envelhecimento subjetivo, individual, porém construído com influências do contexto social, cultural, religioso e familiar.

Verificou-se que os idosos entrevistados apresentam histórias distintas, contudo com dilemas similares, seja na família, ou na sociedade, que se subsumem desta forma: “Como é passar pela vivência da homossexualidade na velhice” e “Por que razões essa temática ainda é vista e dita como tabu e traz tanto sofrimento”.

Compreende-se, então, que não se pode estudar a velhice e a homossexualidade separando o indivíduo da sociedade em que vive ou da família em que está inserido, mas também não se deve deixar de conhecer o individual e o coletivo separadamente, para, assim, realmente poder contribuir para um envelhecimento bem-sucedido. Como a Gerontologia estuda justamente os aspectos relacionados ao processo de envelhecimento e o idoso inserido em diversos cenários, apresentar as questões relevantes que os idosos relataram sobre a velhice homossexual pode, de alguma forma, contribuir para uma velhice mais saudável e menos marcada.

Dar voz a esses idosos homossexuais, que raramente são ouvidos pela academia, assim como a utilização de uma triangulação de instrumentos, com a devida profundidade na interpretação dos dados de campo, com a checagem das respostas por meios de inquiridos cuidadosos com a aplicação de diversos instrumentos, além da previsão de uma devolutiva dos resultados para os participantes, tudo isso atendendo aos critérios de credibilidade da pesquisa qualitativa, conforme Ludke e André (1986), contemplam, dessa forma, as potencialidades do trabalho empreendido.

As fragilidades deste estudo situaram-se em um recorte muito concreto: foram muito poucas as pessoas idosas homossexuais que aceitaram participar da pesquisa; houve, pois, uma imprevista dificuldade em acessar os participantes dessa “experiência muda” e conseguir sua adesão à pesquisa, apesar das tecnologias disponíveis para acesso quase que imediato às pessoas idosas. Além dessa dificuldade, o desafio de sermos heterossexuais ousando tratar da sexualidade de homossexuais.

Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa (Portugal): Edições 70.
- Caldas, J.M.P. (2012, Enero-Junio). *Entrevista: Meccia, E. Los últimos homosexuales – Sociología de la Homosexualidad y la Gaycidad*. (Argentina): Gran Aldea Editores. *Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadanía*, 1(1), pp.163-169. (ISSN 2182-4185).
- Fabà, J., & Villar, F. (2011). Demencia y comportamientos sexualmente inapropiados (CSI): Qué sabemos y qué necesitamos saber. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(Número Especial 10, “Eroticidade/Sexualidade e Velhice”), pp. 25-47.
URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9898/7351>.
- Freire, S.A. (2002). A personalidade e o self na velhice. In: Freitas, et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 929-935. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- Lima, A.M.M., Silva, H.S., & Galhardoni, R. (2008). Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, 12(27), 795-807.
- Lodovici, F.M.M., & Mercadante, E.F. (2011). A expressão da eroticidade/sexualidade na velhice. (Apresentação). *Revista Kairós Gerontologia*, 14(Número Especial 10, “Eroticidade/Sexualidade e Velhice”), pp.1-2.
URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9895/7348>
- Ludke, M., & André, M.E.D.A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo (SP): E.P.U. (99 p.).

Maravilha, L.M.M. (2010). Representando envelhecimentos nos percursos da hétero e da homossexualidade masculina. Dissertação de mestrado em Psicologia. Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco.

Meccia, E. (2006). *La cuestión gay. Un enfoque sociológico*. Buenos Aires (Argentina): Gran Aldea Editores.

Meccia, E. (2012, Enero-Junio). La sociedad de los espejos rotos. Apuntes para una sociología de la gaycidad. *Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadanía*, 1(1). ISSN 2182-2185.

Motta, A. (2009). Visão antropológica do envelhecimento. In: Freitas, E.V.de... et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 78-82. (2ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.

Nascimento, M.A.N.do. (2013, fevereiro). "Old sertaneja song": narrating a backcountry life story about aging process in homosexuality. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(Número Especial 15, "Eroticism/Sexuality and Old Age"), pp.155-171. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. URL: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17557/13063>.

Neri, A.L. (2008). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas (SP): Alinea.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília (DF): Organização Pan-Americana de Saúde.

Zornitta, M. (2008). *Os novos idosos com AIDS: sexualidade e desigualdade à luz da bioética*. Dissertação de mestrado em Ciências. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Oswaldo Cruz.

Recebido em 02/06/2014

Aceito em 03/12/2014

Kelly Cristina Santiago Abreu Pereira - Fisioterapeuta, Mestre em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília. Pós-graduada (*Lato Sensu*) em Fisioterapia Traumato-funcional. Docente e Coordenadora do curso de Fisioterapia nas Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central. Professora na Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires (FACESA), e no Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste (UNIDESC).

E-mail: criskel@gmail.com

Fernanda Ludy da Silva Santos – Fisioterapeuta pelas Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central (FACIPLAC).

E-mail: ferludyfisio@gmail.com

Priscilla Rodrigues Santos Chaves - Acadêmica de Fisioterapia nas Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central (FACIPLAC).

E-mail: priscillarschaves@gmail.com

Eduardo Fabrício Santos de Sá - Graduando em Fisioterapia nas Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central (FACIPLAC).

E-mail: ferludyfisio@gmail.com

Alessandra da Rocha Arrais - Doutora em Psicologia. Professora da Graduação e Mestrado em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

E-mail: arrais@ucb.br